

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.683

Quinta-feira, 22 de Maio de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 113

Quatro escândalos: os navios dos transportes marítimos estão sendo vendidos a entidades estrangeiras

Ó URBANO—TIRA OS ÓCULOS!

“O Mundo” ataca a Moagem para defender moageiros!

A missão da imprensa—Ao que chegou o paladino da república no tempo da monarquia—O Urbano de outros tempos e o Urbano de hoje—O Urbano tira os óculos em plena rua para levar um par de bofetadas—O moageiro Monteiro Guimarães serve-se de “O Mundo” para atacar o moageiro Eduardo Reis—Um jornal imundo que quer passar por sério!

É esta imprensa imoral que o governo escuta e à qual obedece cegamente!

A vida nacional é uma série ininterrupta de escândalos, crimes e immoralidades. Sobre este ponto não há duas opiniões. Os jornais—mesmo, por vezes, os jornais da Moagem—dão-nos conta desses escândalos. Transportes Marítimos, azeites de Alfarradeiro, mercadorias dos navios alemães, 50 milhões de dólares, incêndio das encomendas postais, 60 milhões de moedas, empréstimo interno, questão dos Tabacos, roubos no Lazareto, 400.000 libras, exportação da batata, Exposição do Rio de Janeiro, selos comemorativos do “raid”, roubos do quartel da Cova da Moura, Moagem, etc., etc., dariam uns poucos de volumes de condenação do existente.

Quem não pactua com o crime, quem ainda possui brios não tem mãos a medir, não pode deter-se um momento no combate enérgico à desmoralização que pretende inundar tudo de lama nauseabunda.

Cabe à imprensa a missão de fiscalizadora de todos os desmandos. A acção constante dos jornais, as campanhas desinteressadas, a defesa à outrance do bem-estar do povo poderiam atenuar em muito a crise de carácter que a sociedade portuguesa atravessa. A missão da imprensa, bem compreendida, não devia ser outra.

Mas como poderá essa imprensa servir de freio à desmoralização imperante se os seus órgãos mais poderosos estão nas mãos das forças corruptoras da sociedade?

A Batalha já o demonstrou em sucessivos artigos, já o patenteou claramente no seu editorial de anteontem: os três maiores jornais de Lisboa—O Século, o Diário de Notícias e o Diário de Lisboa estão, os dois primeiros nas garras da Moagem, o terceiro, nas dos banqueiros Pinto & Soto Maior. Por isso a opinião pública é frouxa e incapaz encontrar órgãos de moralização, capazes de fazer frente à vaga avassaladora de ambições desenfreadas que inundou o país e afogou a voz sã da nação.

Um jornal de tradições de rebeldia, um cotidiano que deu brado, no tempo da defunta monarquia, pelos ataques rudes e esmagadores a todas as immoralidades—

—O Mundo—pretende agora reconquistar a opinião pública.

Desde que se deu aquele conflito entre o corpo redactorial do Diário de Notícias e a Moagem, esse jornal, cuja moral duvidosa lhe acarretava um descrédito formidável, a pontos de não chegar a possuir mil leitores, tentou captar as simpatias do povo, atacando em artigos furibundos o potentado moageiro. O Mundo, dirigido por um homem sem cotação moral nem valor mental, deu-se aros de seriedade, atribui-se autoridade para jogar pedradas à Batalha, esquecendo-se de que apenas a nossa generosidade nos levava a não lhe dar importância de maior, a olhá-lo com o desprezo que merecem às pessoas honestas as entidades mesquinhas, de intuitos pequeninos e baixos. Porém, às vezes os cães fraldiqueiros e maçadores, tanto nos ladrões às pernas que outro remédio não temos senão corrê-los a pontapé, arredá-los para o lado.

Já nos referimos ante-ontem à independência moral dos directores dos jornais moageiros e financeiros que quizeram jogar as turras connosco. Nada dissimos nessa ocasião sobre o sr. Urbano Rodrigues, porque, francamente, ele é tão pequenino, tão rasteiro, que dele nos esquecemos. Mas o patife continuou a avisar-nos da sua presença pelas ferroadas cobardas que de quando em vez nos dava. Julgando-nos completamente absorvidos na luta com os outros cavalheiros do mais pulso e do maior bôjo, piceva e fugia. Mas—alto lá, amigo Urbano! Agora fitámos-te de frente. E tu és tão reles, existe na tua alma miserável uma tal dose de cobardia que nem sequer suportes o peso do nosso olhar leal e franco. Nós não entramos nunca em negociações escusas—tu entraste. Nunca atraicámos um amigo, nem intrujámos um companheiro—tu intrujaste e atraicaste. Nunca defendemos interesses duvidosos com a nossa pena—tu defendeste. Nunca ludibriámos a opinião pública—tu ludibriaste.

Quizeste passar por pessoa séria aos olhos dos teus leitores? Pretendeste sujar-nos com a tua baba venenosa? Pois, agora tens de aguentar-te com a lambada que te vamos dar. Tu és suficientemente covarde para

seres esbofetado e calares contigo a mágoa e o vexame.

Principiamos por contar aqui, em letra bem redonda e legível, um caso que divertirá o nosso leitor. O Urbano Rodrigues, aquele pobretão que no tempo da monarquia andava a mendigar «coroas» emprestadas e hoje vive bem, na abastança, teve uma questão com dois indivíduos, seus sócios em certa empresa industrial. Intrajou-os. E eles juraram que sempre que o encontrassem, fosse onde fosse, esbofetá-lo-iam.

Há dias, um deles encontrou o Urbaninho em plena rua—o logo se apressou a cumprir a promessa. Agarrou-o por um braço.

—O Urbano tira os óculos—disse-lhe em tom imperioso.

O Urbano tremeu, jurou ser boa pessoa e não merecer castigos corporais.

—Tira os óculos Urbano!—disse o outro mais excitado e mais imperioso ainda.

E o Urbano, o director de O Mundo, que fala com arrogância aos seus leitores, tirou submissa e resignadamente os óculos.

Levou um par de bofetadas, calou-se com elas e fugiu.

É este cavalheiro, este valente que dirige o pasquim que nos agride e se permite bolar sentenças sobre a conduta de A Batalha e do operariado.

Mas vamos ao mais importante. Lê-se agora no Mundo um ataque cerrado à Moagem, ao potentado que tudo corrompe. Leem-se defezas entusiásticas da pátria e da República. Leem-se frases de comiserção pela sorte do povo roubado. E fica-se com a impressão de que O Mundo, contrito, bateu no peito, redimiu-se de todas as suas culpas—e colocou-se nobre e desinteressadamente ao lado do povo.

O Urbano aparece-nos com a alma pura duma virgem imaculada; com o desinteresse dum Cristo; com a fé dum apóstolo. Mas é tudo mentira, absolutamente mentira!

O Mundo não está servindo o povo, está servindo o sr. Monteiro Guimarães, moageiro autêntico, moageiro

que tem a sua cota parte nas responsabilidades do descalabro a que isto chegou—Monteiro Guimarães que, por motivos que não interessa agora relatar, se zangou com o outro moageiro seu sócio Eduardo Reis—o Reis da Moagem, o Reis que recoso da pele embarcou no domingo para Paris!

Vejam leitores e pasmem! Reparem bem na moral destes canalhas! Então poderia lá meter-se na cabeça de alguém que o Urbano Rodrigues fosse capaz de defender desinteressadamente uma causa justa?

Pobres ingénuos que ainda acreditaram mais uma vez na possibilidade de o Urbano se regenerar!

Final O Mundo não ataca a Moagem—ataca um moageiro para defender outro moageiro, ataca uma immoralidade para defender outra immoralidade, ataca a corrupção para defender a corrupção!

O Mundo, o velho O Mundo das grandes campanhas moralizadoras do tempo da monarquia—ao que chegaste! O Mundo que prometeste ao povo uma república limpa e liberal, ao que desceste!

Coitados dos republicanos históricos, que julgavam possuir ainda, no meio do lodacal em que se transformou o regime democrático, uma voz sã para elevar os princípios e defender os ideais! A própria voz da República que atrou os aros com os seus clamores entusiastas, plenos de fé, de alvies e de grandeza moral, enrouqueceu sifilizada pela podridão da finança e da indústria.

O Mundo deixou de ser o arauto das idéas republicanas, que presentemente usa por disfarce, para se transformar no órgão porco, nojento do Monteiro Guimarães, moageiro—e do Alfredo da Silva, dos azeites de Alfarradeiro!

Anda, Urbano, manda agora anunciar pelas paredes, O Mundo, como jornal independente e sério! Grita agora contra a Moagem! Continua a falar da imoralidade alheia! Arremeça pedras aos telhados dos outros!

Vai apregoar princípios para o Alfredo da Silva e para o Monteiro Guimarães!

O Urbano ainda é mais repugnante do que o Augusto de Castro.

VAPORES QUE SE VÃO... Á VELA!

Escândalos! Escândalos! Escândalos!

Os navios dos transportes Marítimos foram vendidos a potentados alemães e holandeses!—Os Bancos portugueses, metidos na negociata, favorecem «patrioticamente» as companhias estrangeiras—Deste negócio escandaloso resulta uma avalanche de desempregados!

Chama-se para o caso a atenção das classes marítimas

Corre com insistência que estão em Lisboa alguns grupos de alemães e holandeses para comprar a frota do Estado e levá-la para a Alemanha ou Holanda, inteira ou aos bocados, para eles pouco importa, conquanto que a posição levar a fim de a desfazer.

Como a lei não permite aos estrangeiros a compra desses barcos nos leilões que se estão realizando, arranjam alguns portugueses poucos escrupulosos, daqueles que estão constantemente a berrar que o país se afunda, que isto assim não pode continuar, perentório aos tais do olho vivo, que se prontificam a servir de testa de ferro e comprar todos os barcos possíveis, naturalmente com a certeza de terem um lucrinho muito resumido no negócio a realizar.

Se os navios fossem vendidos a alguém que os pusesse a navegar, não nos incomodariam com o assunto; mas, desde que se trate de os desfazer, já o caso muda um pouco de figura, porque, a realizar-se, são alguns milhares de pessoas que irão ficar na miséria por os chefes das suas famílias perderem os lugares onde angariavam o necessário para viver.

Nos tempos correntes em que quem valha não ganha senão para morrer mal, de fome, é o que irá suceder a essa gente quando não ganhar nada?

O que pensará a este respeito o governo e os parlamentares que fizeram uma lei na qual deixaram furo para meia dúzia de vampiros nacionais, de sociedade com outros tantos estrangeiros, nos levarem aquilo a que os homens que passaram pelo Terreiro do Paço chamaram a base do ressurgimento nacional?

Naturalmente agora deixam correr o marlin, porque não os afecta directamente nos prejuízos nos seus chorruas ordenados recebidos pontualmente a fim do mês.

As classes marítimas, que vão sofrer

as consequências de toda esta pândega monetária, é provável que ainda não saibam que na sombra se está preparando a sua condenação à inanidade e a morrer pela fome, justamente num momento em que, para se morrer de fome, é facilito, ganhando dinheiro.

Só os bronzes e canalizações do vapor «Pôrto» valem as 9.507 libras porque foi vendido!

Já principiou o trabalho da sapa feito pelos intermediários, com a compra do vapor «Pôrto», por 9.507 libras, quando ele tem só em bronzes e canalizações quasi este valor. Quanto deixará este negócio, depois de concluído?

Os alemães sabem também quais os navios que lhes vale a pena comprar para lhes deixar maior lucro, pois quando vão a bordo de algum se entretem a raspar com canivetes as peças que sabiam ser de metal, e que agora, pelo facto de estarem pintadas, se podem confundir com as de ferro.

Tem visitado todos os navios fundeados em Lisboa, e, segundo consta, têm crédito ilimitado num ou mais bancos, os quais não se negam a auxiliar um trabalho que sabem muito bem ser ruinoso para o país e todos os que precisam viver da indústria marítima.

É natural que os navios comprados pelo tal grupo de portugueses sejam para desfazer mesmo em Lisboa, e, então, assistiremos ao escangalhar da base do ressurgimento nacional!

Bonito proveito tiraram os portugueses, da grande guerra, que tantas vidas custou, para chegarmos a, depois de quasi dois anos da paralisação da frota do Estado, devido à incompetência e má administração dos homens que passaram pelos T. M. E., vermos ir tudo agora abaixo, com consentimen-

to dos que tem obrigação de olhar pelos interesses da nação, porque, se tal se fizer, decerto será com autorização dos governantes, visto a lei não permitir, segundo diz no n.º 3.º do art.º 2.º, que os navios, em caso algum, sejam cedidos a estrangeiros.

Esperamos que o ministro do Comércio obstará por todos os meios a que esses navios saiam do país feitos em pedações nem com bandeira estrangeira na popa e que de modo nenhum permita a sua mudança de embandeiramento, quer em portos nacionais quer em estrangeiros.

Quando a lei de liquidação dos T. M. E. se discutir no Senado, houve um senador, sr. Joaquim Cristóvão, que, num longo discurso até por sinal bem maçador, lembrou a todos os membros da sua câmara que havia muita maneira de passar os navios para as mãos dos estrangeiros com manifesto prejuízo de todos nós, e a pesar de toda a sua boavontade em emendar a lei de molde a não lhe deixar alcáçãs, não conseguiu fazer nada e as pequenas emendas que sofreu naquela câmara não prevaleceram, segundo o critério da Câmara dos Deputados.

No nosso país as leis justas fazem-se para não se cumprirem e esta, como todas as outras, está destinada a servir mais designios para as classes que precisam viver do mar.

A negociata vai agravar o problema do desempregados

Com a paralisação da frota do Estado, já há quasi 2 anos, começaram a passear pelas ruas de Lisboa uma infinidade de pessoas que até aí estavam ganhando a sua vida e começaram então a não ter ocupação, aumentando consideravelmente o número dos miseráveis que infelizmente nunca foram poucos em Lisboa.

Terá o Estado coragem e força para obstar à traficância?

São estes os homens que andam constantemente a apregoar pelas folhas de grande tiragem a necessidade de se

C. G. T.

Aos organismos aderentes

O Comité Confederal lembra a todos os organismos que tem contas a saldar com a Confederação, a fazê-lo o mais rapidamente possível, para que os órgãos confederais, como sejam «A Batalha» e o Secretariado N. A. J. e Solidariedade, recebam as importâncias indispensáveis à sua missão.

O comité espera que este apelo seja tomado na devida consideração.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade

Consultas

Das 21 às 23 horas de hoje serão dadas consultas aos operários confederais, devendo estes apresentar a respectiva caderneta confederal, em dia.

trabalhar mais, trabalhar muito, que tiram os meios de trabalho aqueles que o desejam fazer.

Bem se sabe que alguns navios desses não servem para nós, mas podiam comprá-los e usando da facilidade que lhes confere a lei, trocá-los por outras unidades adaptáveis às carreiras a explorar.

Não sabemos onde chegará a audácia dos grupos financeiros que, dispostos de grande capital, pretendem cortar os meios de vida a milhares de pessoas, mas, a nosso ver, o ministro do Comércio pode obstar a que se faça qualquer traficança, obrigando os portugueses compradores a responsabilizarem-se pelos navios quando eles saírem para portos estrangeiros e não permitir de forma nenhuma que eles sejam desfeitos em Portugal.

Se o ministro cumprir o seu dever, terá ao seu lado todos os que trabalham e vivem no mar.

Veremos qual o caminho que os marítimos irão tomar em face da atitude do governo e dos compradores,

MAIS CRIMES DA LEGIÃO DA ROUBALHEIRA

Dada a impunidade de que gozam, os bandidos continuam atentando contra a existência duma população inteira

Tem razão os jornalistas-padeiros. A impunidade que tem havido para com os criminosos que consecutivamente atentam contra a existência dos outros se deve atribuir a situação alarmante a que chegámos. Tem razão os jornalistas da Moagem. De facto, todos os ministros e legisladores que à questão do problema da vida cara tem deixado alguns momentos de atenção, tem concluído por atribuir à especulação e à ganância da agricultura, do comércio e da indústria um dos coeficientes do encarecimento da vida. Daí, as medidas repressivas contra os especuladores e assambradores tais como o tabelamento, o tribunal dos assambradores, o decreto dos lucros ilícitos, etc. Estas medidas, porém, nunca foram postas em execução a sério. Quais foram os industriais e comerciantes apanhados por essas disposições? Quais foram os condenados?

Apenas uma meia dúzia de pequenos comerciantes caíram sob a alçada dessas leis, simplesmente para inglês ver. Dos grandes assambradores e especuladores nem um só foi castigado. Ora, foi realmente essa impunidade que, agora muito bem dizem os órgãos da opinião da Moagem, deu lugar ao estado a que chegámos. Os delitos de lesa-humanidade tem-se reproduzido duma forma desesperante em virtude dos seus autores contarem como certa, com a impunidade.

Ora, sob pena das vítimas serem forçadas a fazer justiça por suas próprias mãos, é realmente preciso, como queremos «O Século» e o «Diário de Notícias» que, quanto antes, cesse essa impunidade para com esses bandidos que tentam contra a existência dum povo inteiro fazendo fortuna à custa do suor dos seus semelhantes. O governo não ignora os nomes dos bandidos que fazem parte dessa terrível Legião da Roubaheira, que apostaram em reduzir a fome a população inteira levando-a a uma situação de desespero. As autoridades conhecem-no melhor do que ninguém. No entanto, não procedem, parecendo que estão todos feitos. E assim o crime alastra triunfante.

Dissemos que as autoridades não ignoram quem são os legionários da

roubaheira. Pois como hão de eles ignorar se os jornais todos os dias os denunciam, incitando a polícia a que proceda contra esses criminosos? E abrir ao acaso um jornal qualquer e em qualquer dia, por exemplo: esta «Capital» de anteontem, aqui tem. Leiam:

«Um vapor de pesca, o «Estrela do Mar», entrou há dias no Tejo com os porcos atestados de peixe: nada menos de 55 toneladas. Se o peixe fosse lançado no mercado, o seu preço seria acessível a toda a gente, haveria logo uma solução de continuidade na vida cara. Mas isso não convinha. Desembarcaram-se apenas 35 toneladas e o resto foi para o guano, a fim de se manter a vida cara».

Querem outro exemplo? Aqui tem «A Pátria» de ontem:

«Alguns talhos da praça da Figueira não respeitaram a recente tabela que embaratece os preços da carne, e quando o freguês reclama é ameaçado de ficar sem aquele género».

E se querem mais e melhor peguem no Diário do Governo. Aqui então a colheita é esplêndida tanto em quantidade como em qualidade. Por exemplo: a folha oficial do dia 20, terça-feira, 3.ª série, n.º 115, inseria o relatório da Direcção e Gerência do ano de 1923 da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães—sociedade anónima de responsabilidade limitada mas de roubaheira ilimitada.

Por esse relatório se vê que a Companhia tendo um capital de 1.050.000\$000 escudos, distribuiu um dividendo de cinquenta por cento e teve num só ano 954.213\$80 de lucros, quer dizer ganhou num ano 90 por cento do capital!

E aqui tem os senhores porque um metro de fazenda ordinária custa cem escudos.

Isto é evidentemente um crime. Mas a quem pedir providências se estão todos feitos na grande maroteira como muito bem disse a Capital?

VIDA ANARQUISTA

U. A. P.—Reúne hoje pelas 19 horas o comité nacional.

O desrespeito dos arts. 4.º, 5.º e 6.º do artigo 81.º do regulamento interno sobre aquisição de materiais, e a con-
tinação dos arpe-
iustres sindicantes de apurar e saber, e
que confirmarão a justiça da nossa cam-
panha contra as últimas gerências da

Melhoramentos—Para tratar de assuntos de muita importância e interesse para a classe, reúne amanhã às 21 horas, no Clube, o Conselho de Melhoramentos, para discutir o relatório da gerência municipal e a atitude do vice-presidente da direção perante a reorganização dos serviços das estações.

que relatou as deliberações tomadas no conselho federal a propósito da resolução dos industriais. A assembleia re-

na para comportar todos os amadores
culos que actualmente se estão reali
550 por cada espectador...

dos melhores e mais artísticos especia-
lizando em Lisboa pelo modesto preço d

EM COIMBRA
Combatendo a reacção!

A conferência do sr. Tomás da Fonseca, promovida pelo Grupo Libertário «Os Rebeldes» teve uma concorrência formidável—Pulverizando a mentira e o fanatismo religioso

COIMBRA, 18.—Com uma assistência de cerca de mil e duzentas pessoas realizou-se conforme estava anunciada, e promovida pelo grupo anarquista «Os Rebeldes», a conferência sobre o tema «Lourdes e a Medicina», contrapondo assim à tese do mesmo título apresentada pelo académico Meireles do Souto e aprovada com 19 valores pela Faculdade de Medicina.

A conferência estava anunciada para as 15 horas, e no entanto meia hora antes já o teatro Avenida continha bastante gente, principalmente estudantes. Assim, às quinze horas precisas entrou no palco do referido teatro o conhecido escritor anti-religioso sr. Tomás da Fonseca, acompanhado por dois elementos de «Os Rebeldes» e o correspondente de A Batalha, sendo recebido com bastantes palmas.

João Vieira Alves, do referido grupo, começou por dizer em breves palavras, que não são os anarquistas aqueles homens hediondos, apresentados como incendiários pelos conservadores. Os anarquistas, querendo uma sociedade melhor do que a actual e no desempenho da missão a que se propuseram, lutando por um ideal de perfeição, Paz e Amor, trabalham por desenvolver ao máximo a educação, que acompanhará a evolução da Ciência, e destruindo pela Luz as trevas da ignorância.

E porque exactamente a sua missão é de Luz, e neste momento o povo de Coimbra com o seu silêncio ante o desenvolvimento da propaganda reacção, parece esquecer as suas tradições liberais, entendeu o grupo anarquista «Os Rebeldes» iniciar uma série de conferências, sendo a primeira esta a que o ilustre professor sr. Tomás da Fonseca, sobre o tema «Lourdes e a Medicina» vai dar começo, contribuindo assim com o seu esforço para o desenvolvimento intelectual do povo.

Agradece ao povo de Coimbra em nome de todos os anarquistas, a forma como sabe fazer-se representar na conferência e dá a palavra ao interessante livre-pensador sr. Tomás da Fonseca.

O conferente começou por dizer que não está ali para ferir quem quer que seja, mas tem o direito de defender aqueles que pensam livremente como ele. E porque a tese «Lourdes e a Medicina», aprovada na Faculdade de Medicina é um caso novo nos annos da Universidade, e um assunto há muito posto de parte, universalmente discutido e condenado—não poderia ele deixar de vir a público, ali ou em outra parte, proclamar bem alto o que sentia vendo o povo de Coimbra de tam grandes tradições liberais assistir impassível a um enxovalho da verdade, feito à ciência e à verdade.

História e commentos factos passados, através todos os tempos, desde a Grécia a Roma, e de Roma até ao século XIX. E lamenta, que em pleno século XX ainda seja possível homens de ciência acietarem o milagre, o sobrenatural! E cita o folheto dos lentes de Coimbra, dirigido a Costa Cabral. Dos homens que sabiam honrar o pensamento livre e humano. Depois fala em mestres ilustres desde João Lopes de Moraes a Ricardo Jorge—homens cujo cérebro iluminado, por mais de uma vez tem colocado o milagre à distância.

E Tomás da Fonseca, que tinha trazido alguns livros para reforçar a sua argumentação destrutiva dos milagres de Lourdes, de santas e santos—com a tese de Meireles Souto—em uma das mãos, e uma pastoral do sr. Bispo Conde de outra—começa por analisar algumas folhas de ambos os livros. A pastoral ao sr. Bispo recomenda a higiene nas igrejas e pias de água benta, como necessário para evitar doenças pelo contágio, etc., e o livro do sr. Meireles Souto apela para a água imunda de Lourdes e da santa eucaristia...

E recomenda o sr. Bispo a higiene, apela portanto, para a ciência—um homem da igreja, de Deus! Como é possível que o trabalho de Meireles Souto, estudante de medicina, defenda o milagre, o sobrenatural—defendendo, como desnecessária, a ciência, a medicina?

E continua a analisar a pastoral e a tese «Lourdes e a Medicina» tese onde:

—Sem me dirigir palavra, Vitorino indicou-me a entrada do meu quarto onde eu dormia, quando não ia ficar na alcova de minha irmã na ausência de Scanvoch... Aterrada, adivinhei tudo... e bradei a Ellen: «minha irmã! fecha-te!». Depois, com todas as minhas forças chamei socorro... os gritos exasperaram Vitorino precipitou-se sobre mim e empurrou-me para o meu quarto... No momento em que ele me fechava, vi acudir Ellen caminhando no corredor, pálida, espavorida e quasi nua... Ouvi o ruído de uma luta e os gritos de minha irmã chamando-me em seu auxílio... Ignoro quanto tempo decorreu, quando bateram e chamaram da parte de fora...; era Scanvoch... Respondi à sua voz do interior do meu quarto, donde não podia sair... No fim de alguns instantes a minha porta abriu-se... e vi Scanvoch...

—E tu, disse-me Vitória, como voltaste tão repentinamente?

—Distante mais de quatro léguas de Mayença, advertiram-me que um crime se cometia na minha morada.

—E quem te fez essa advertência?

—Um soldado, meu companheiro de viagem.

—Esse soldado quem era? perguntou-me Vitória. Como sabia desse crime?

—Ignoro-o...; desapareceu entre o bosque dando-me este sinistro aviso... Esse soldado, que voltou quasi antes de mim...; esse soldado, é o mesmo que, francando-lhe seu neto dos braços, o matou atirando aom ele à calçada.

—Scanvoch, replicou Vitória estremeando e levando as mãos à testa, meu filho morreu... eu não quero nem acusá-lo nem desculpá-lo...; mas, acredite-me...; este crime esconde algum horrível mistério!

—Escute, disse-lhe eu, recordando-me de muitas circunstâncias cuja lembrança me tinha escapado na primeira alucinação da minha dor. Logo que cheguei defronte da porta de minha casa, empurrei-a; os gritos longínquos de Sampo foram os únicos que me

TEATROS & CINEMAS

Teatro da Trindade

«A lenda do beijo» Um final de festa

A lenda do beijo é uma formosíssima zarzuela, scintillante, duma feituração admirável, viva e quente como o sol andaluz, cheia de cor, de sentimento e de amor. Quadro admirável de costumes gitanos, tela mordida de sentimento e de luz, em que a rutulação perene de seu espanhol se espelha num clancor de alvorada de estio, num doída crepitação da vida. Salta vibrante de paixão em todas as suas cenas, um frémito de vida misteriosa que se volatiliza num fluídante irradiação de almas quentes, como se o abraçamento do amor os incendiase numa tempestade de beijos quentes, que os lábios babujassem num devaneio desvalizado de prazer.

Música transbordante de vitalidade que murmura de pecado e desencadeia a gula da posse, música estranha que pinta a paisagem amortecida na tonalidade suave de entardecer, ou escaldante na alaridade dos sons que despontam quando o sol beija a natureza num estremeamento creoloso.

O rincão nômade apresentou-se todo na sua magnificente irrisação de vestuário, na sua complicada organização psicologica e calu ali, naquela scena da Trindade com toda a pujante cor dos seus corações e das suas vestes alpicadas dos tons mais profundos e do odor do mistério das suas profecias e do odor intenso dos seus hábitos de feiticaria.

Aromas silvestres, filtros cruéis, marifícios esquisitos, toda a gama variada do seu viver de aventura passa pela música descriptiva onde a par de negruras praguejantes há vigos estonteantes de carne feminina a contorcer-se de voluptuosa. Esqueço-me do que tenho ouvido em zarzuela e até em ópera, para ter só bem presente essas notas de beleza rara de «A lenda do beijo» poema em três quadros do mais genial que o génio espanhol de todos os tempos tem trazido para a nossa alma sensível de meridionais.

Rosita Rodrigo, Manuel Russell, Jaime Elias, três grandes cantores em qualquer parte do mundo lírico, retrataram brilhantemente na quente emissão das suas vozes essas pinceladas de amor espanhol, dilacerante no ritmo, cristelino na sua essência simples.

Os bailarinos, todos sem excepção, foram arbustos que crescem nos vales que as montanhas dominam e onde vão esconder-se essas flores eternamente requemadas do sol, que a gitana simboliza na ferocidade sonhadora dos seus olhos candentes.

Nota salitante de bulício, aragem fresca, que atenua o calor da planície e dos desfiladeiros, foram Maíuri e Pilar Martí.

Ultima parte da recita: A linda beleza serena e suave de Consuelo Torres, a vivaz loquacidade de Clara Milani, a desordenada harmonia, esquisita, burlesca e desconjuntada do «jazz-band» hispano-americano e a doída movimentação do bailarino Sacha, contorcido de corpo, espasmódico de olhar, por entre o aparvalhamento dos seus «jazz-bandistas».

Nogueira de BRITO

André Brulé

E' hoje que se inaugura no São Luis, uma série infelizmente curta, de noites de arte pura, como talvez não se repitam, com a companhia francesa de André Brulé é a primeira figura, que apresenta-se a peça «Le Verger» que entre nós se representou há pouco tempo no Nacional e cujo desempenho constituiu em Paris uma das mais extraordinárias e originaes daquella notável comediante. Além de Brulé, entra na peça a primeira actriz da companhia, Madeleine Lévy que interpreta a voluptuosa russa, a amorosa Natacha.

Recêlamas

Repete-se esta noite no Teatro Nacional, a «Simone» que ontem obteve aplausos unânimes dos espectadores que encheram a sala; é de justiça destacar Ilda Sticchini que na «Simone» obra admirável da literatura teatral contemporânea tem um belo trabalho.

—A revista «Fruto Proibido» em scena no Eden continua mantendo as

suas tradições como sendo a mais graciosa e deslumbrante peça da actualidade.

Noticias

A fim de se proceder, hoje, durante o dia e a noite, à montagem scenica da nova peça «Salomé», original do escritor brasileiro Renato Viana, que amanhã se realiza, em São Carlos, a sua primeira representação não há hoje espectáculo neste teatro.

CARTAZ

S. CARLOS—21.30—«Salomé», NACIONAL—A's 21.30—«Simone», S. LUIS—A's 21—«Vertige».

APOLLO—Não há espectáculo.

EDEN THEATRO—A's 21.45—«Fruto Proibido».

TRINDADE—A's 21—«La Lyenda del Beso», POLITEAMA—A's 21—«Alma sem rumo», AVENIDA—A's 21.30—«O Grande Magico», MARIA VITORIA—Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS—A's 21.15—«Cavalaria Rusticana» e «Ave Maria».

GIL VICENTE—A's 21—«O Diogo Alves», OLIMPIA—A's 20.30—«Animatografo», SALAO FOZ—A's 14.30 e 20.30—«Varietade».

CHIADO TERRASSE—A's 14.30 e 20.30—«Animatografo».

CONDÉS (Avenida)—«Animatografo», CENTRAL (Avenida)—«Animatografo», GINE-PARIS (Rua Ferreira Borges)—«Animatografo».

IDEAL (Largo)—«Animatografo», ROSSIO (Arco Bandeira)—«Animatografo», CHANTELEIR (Praça dos Restauradores)—«Animatografo».

AVENIDA PARQUE—(Antigo Parque Mayer)—Recreios e diversões. Concertos de «Jazz-Band».

CINE ESPERANCA—Animatografo, PROMOTORA (Largo ou Calvario)—Animatografo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alivio)—Animatografo.

Contra uma proibição

Protesto dos trabalhadores rurais de Vila Franca de Xira

Há dias, na respectiva sede, reuniram os trabalhadores rurais desta localidade, que, depois de apreciarem vários assumtos, votaram por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que o ministro da Agricultura conseguiu do seu colega do anterior a prohibição da saída dos trabalhadores rurais para Espanha, como é costume saírem todos os anos no tempo das ceifas;

Considerando que igualmente conseguiu do ministro da Guerra o licenciamento de um elevado numero de militares da classe rural, alguns das suas reclamações aos seus colegas, haver falta de braços na agricultura, o que acarretava grande prejuizo à mesma;

Considerando que as afirmações do sr. Joaquim Ribeiro não passam de uma falsidade com a qual se pretende prejudicar e vender pela fome os trabalhadores rurais do país, obrigando-os a trabalhar em troca de salários irrisórios, para gaudio dos lavradores que só pensam acumular fortunas, não se importando com a miséria dos trabalhadores; a assembleia resolve:

a) Que se oclie ao ministro da Agricultura protestando contra a sua ardisia manobra, com o firme propósito de bem servir os seus colegas lavradores, em detrimento dos trabalhadores rurais do país;

b) Protestar igualmente contra o ministro do Interior por, a pedido do seu colega da Agricultura, haver prohibido a saída de trabalhadores rurais para as ceifas em Espanha, offendendo-lhe nesse sentido e fazendo-lhe sentir a existência de uma falta de humanidade do ministro da agricultura e dos seus colegas lavradores;

c) Levantar também um protesto, dando-lhe conhecimento por meio de officio, ao ministro da guerra, por, a pedido do ministro da agricultura, resolver licenciar parte dos militares da classe rural a fim de beneficiar exclusivamente os interesses da lavoura não se preocupando com a miséria do povo;

d) Que se officie ao parlamento protestando contra a nova tentativa de cédula pessoal, dando conhecimento áquella Câmara de que os trabalhadores rurais de Vila Franca de forma alguma aceitarão tal documento.

e) que as resoluções desta assembleia sejam publicadas em A Batalha a fim de chamar a atenção dos trabalhadores rurais do país».

JUNTA DE PROPAGANDA LIBERAL

Inaugura-se hoje, pelas 21 horas, na Universidade Livre, praça Luis de Camões, 46, 2.º, a Junta de Propaganda Liberal, presidida pelo sr. dr. Magalhães Lima, que se destina a promover a vulgarização científica e a diffusão da moral, bem como fazer a propaganda e defesa dos principios e normas da liberdade de consciência, da liberdade de critica e da tolerância, e atacar o clericalismo, por meio de cursos fixos e móveis, e de conferencias, pela criação de museus, bibliotecas e salas de jornais, e pela publicação de obras científicas.

Nesta sessão inaugural e pública falarão, além de outros oradores, os dres. Magalhães Lima, Agostinho Fortes e F. Bôto Machado.

Solidariedade a Manuel Ramos

Os bilhetes para a festa de solidariedade a Manuel Ramos, que o Grupo Dramático Solidariedade Operária realiza no dia 21 do próximo mês, no Sall de Festas da Construção Civil, já se encontram a venda.

Quem quizer adquiri-los, pode dirigir-se ao continue da C. G. T. ou á commissão.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artisticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros de escripturação, mapas de escripturação, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juvenidades, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escriptorio, sempre aos preços mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Victor Hugo, «OS MISERAVEIS», illustrada por assinaturas, moedas e encadernada com capas espedradas em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando 500 de porte o embalagem para a provincia.

Sempre novos artigos e novidades literarias.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poais de São Bento, 27 e 29 LISBOA

Perfumaria Elite

Completo sortido de utensilios para barbeiros

Largo do Calhariz, 18 (Edificio de «A Luta»)

TELEPHONE 1143 CENTRAL

A' ÚLTIMA HORA

Uma boa noticia

Apesar da grande subida das fazendas de lá para fatos e vestidos, continuam a vendê-los por preços baratissimos os fabricantes Donas, da Covilhã, porque os fabricam e vendem directamente ao publico nos seus depósitos.

Têm um colossal sortido de fazenda de lá e estambre para fatos, sobretudo, vestidos e casacos em todos os padrões e cores, quasi por metade do preço.

Antes de fazer as suas compras consulte os preços desta casa.

Depósitos de vendas a retalho

Em Lisboa: R. dos Fanqueiros, 187, 2.º

No Porto: R. Fernandes Tomás, 392-A

Casa Rubi

Instalações eléctricas

120, RUA DOS RETROZEIROS, 122

Telefone C. 3851

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auror única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor isca e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (custado com as imitações)

Venda nos centros e aos milhajeiros, assim como isqueiros, rasas, tubos, pias e lanternas, aos melhores preços para revenda.

Pedras a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 90—LISBOA

A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

Em Extremoz

realizou-se uma importante sessão

EXTREMOZ, 15.—No respectivo sindicato reuniram em sessão magna os operários da construção civil desta vila, tendo presidido Fortunato Carvalho, secretariado por João da Silva Berto e Beaventura Luna.

Aberta a sessão, usou da palavra João Miranda, delegado da Federação da industria, que historiou a traços largos as fases por que tem passado a organização operária internacional, mostrando o transcendental papel a desempenhar pelos sindicatos na luta pela emancipação dos trabalhadores e pondo em relevo a necessidade de se realizar um novo congresso da industria da construção civil e de manter integro o regime de 8 horas de trabalho, uma das maiores e mais sangrentas conquistas do proletariado.

Terminou por descrever a arbitrária situação em que se encontram os presos por questões sociais, manifestando a assembleia a sua repulsa pelos falsos republicanos que, fazendo o odioso jogo da burguezia, conservam a ferros quem sem titubez luta pelo bem-estar dos produtores da riqueza social.

Foi depois concedida a palavra a Rádi Duarte, da Federação de Calçado, Curos e Peles e que em Extremoz se encontrava em missão de propaganda. Este camarada salientou também as vantagens que resultam dos congressos operários e encareceu a necessidade de uma maior aproximação entre os trabalhadores manuais e intelectuais, no interesse da grande causa de emancipação humana.

Foi deliberado, unanimemente, enviar um officio ao ministro da Justiça, reclamando a anistia dos presos por questões sociais e, depois de nomeada uma comissão para tratar do envio de um delegado ao congresso corporativo, encerrou-se a sessão com entusiasticos vivas á C. G. T., Batalha, etc.

Fronteira

Os «bons» lavradores

FRONTEIRA, 20.—Nesta localidade existe um novo rico chamado Manuel Barroso, que no ano findo com uma ceifeira mal preparada, deixando uma parte do trigo na terra, conseguiu obter um trigo tam perfeito que parecia ter sido semeado com os cuidados devidos.

Pois este novo rico para não gastar alguns escudos, mandou ceifar o trigo para sustento dos seus animais.

Nesta localidade os lavradores só pretendem esmagar os que trabalham. Existe aqui um lavrador chamado Mariano da Costa Pinto que possui muitas herdades fora do concelho. Quasi todas estas estão por cultivar e servem para pastagem de gados. Esse Costa Pinto tem, nesta localidade, seis herdades cinco d'ele e uma de renda que representam cerca de duzentos e vinte e tantos em sementeira. Apesar lá estarem cultivados os restantes são lép e este va. Nestas terras apenas trabalham os rurais. Devido a estes factos que apontamos e a outros semelhantes encontram-se muitos rurais desta localidade sem ter onde trabalhar, debatendo-se numa desoladora miséria...

Barreiro

Uma classe que desperta

BARREIRO, 20.—Reuniram em assembleia magna, os operários da construção civil para apreciarem a situação da classe em face da crise de trabalho e a situação dos sindicatos em vista da maioria dos operários não estarem assosciados.

Foi deliberado não se fazer mais que 8 horas de trabalho e de evitar que os que trabalham na União Fabril venham depois de lá fazerem 10 horas, trabalhar cá para fora bem como os que trabalham no caminho de ferro acumulem com a industria particular. Tem-se dado o caso de haverem bastantes obras paralisadas até ás 6 horas da tarde, sendo a sua laboração depois dessa hora feita por operários da União Fabril e dos Caminhos de Ferro.

Foi também aprovada uma moção com vários deliberações atinentes a con-

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE MAIO

| Q. | 1 | 8 | 15 | 22 | 29 | HOJE O SOL |
|----|---|----|----|----|----|-----------------------|
| S. | 2 | 9 | 16 | 23 | 30 | Aparece ás 5,19 |
| S. | 3 | 10 | 17 | 24 | | Desaparece ás 19,47 |
| D. | 4 | 11 | 18 | 25 | | FASES DA LUA |
| S. | 5 | 12 | 19 | 26 | | L. C. dia 3 de 21,9 |
| T. | 6 | 13 | 20 | 27 | | Q. C. dia 12 de 2,14 |
| Q. | 7 | 14 | 21 | 28 | | L. N. dia 18 de 1,51 |
| | | | | | | Q. M. dia 25 de 14,16 |

MARÉS DE HOJE

Pramar ás 5,17 e ás 5,42

Baixamar ás 10,47 e ás 11,12

CAMBIO

| Países | Mos. Gas. | Mo. por | Comp. Venda |
|---------------|-----------|---------|-------------|
| Alemanha... | Marcos | 425 | — |
| Austria... | Corões | 119,3 | — |
| Belgica... | Francos | 117,8 | 1.529 |
| Espanha... | Pesetas | 167,5 | 48.394 |
| E. U. A... | Dólares | 42,4 | 33.537 |
| Francia... | Francos | 117,8 | 1.490 |
| Holanda... | Florins | 6,51 | 124.403 |
| Inglaterra... | Libras | 48,9 | 108.000 |
| Italia... | Liras | 117,8 | 14.695 |
| Suécia... | Francos | 117,8 | 5.866 |

MOVIMENTO MARITIMO

| Vapores e destinos | Dias |
|--|------|
| «Gelria», Leixões, Vigo, Cherbourg Southampton e Amsterdam | 23 |
| «Gotha», para Bremen | 25 |
| «Formosa», portos do Brazil e Argentina | 27 |
| «Credeia», portos do Brazil e Argentina | 29 |
| «Usambura», Southampton, Rotterdam e Hamburgo | 30 |
| «Angola», para os portos da Africa Oriental | 30 |
| EM JUNHO | |
| «Pedro Gomes», portos de Africa | 1 |
| «Masilia», portos do Brazil e Argentina | 3 |
| «Avons», para Liverpool | 5 |

Pedras para isqueiros

Metal Aur, assim como roças, ócas e maciças, tubos, moias, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em melhores condições.

Dentes artificiais

a 25500—Obturações a 25500—Extracções sem dor a 15500

Das 11 ás 13 no consultório de

MARIO MACHADO

da Escola Dentaria de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 4186

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

das melhores marcas—CARLOS A. SANTOS

30, Rua do Arsenal, 80—Lisboa

LIMAS

As melhores são as da «União» da Foz de Beira.

Vieira de Leiria—Pedra em todas as formas e tamanhos.

Resistência e durabilidade.

MARCAS REGISTRADAS

para os melhores isqueiros.

segur que todos os operários e jam sindicatos.

A comissão de vigilância em cumprimento das deliberações tomadas, correu as obras, depois das 18 horas, tendo os que nelas se encontravam abandonado sem relutância o trabalho.

Excepcionalmente apenas um carpinteiro... e um barbeiro!

[illegible]